



BONDE CASA: CULTURA EM TRÂNSITO





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bonde Casa [livro eletrônico] : cultura em trânsito / [organização Associação Casa Fluminense ; coordenação Tatiana Maria, Letícia Marinho]. -- Rio de Janeiro : Associação Casa Fluminense, 2024.
PDF

ISBN 978-65-997879-9-7

1. Acessibilidade cultural 2. Acessibilidade urbana 3. Cultura - Aspectos sociais 4. Cultura - Rio de Janeiro (RJ) 5. Identidade cultural 6. Mobilidade urbana 7. Produção cultural I. Associação Casa Fluminense. II. Maria, Tatiana. III. Marinho, Letícia.

24-236681

CDD-306.4098153

Índices para catálogo sistemático:

1. Produção cultural : Rio de Janeiro : Aspectos sociais 306.4098153

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB=8/9380



SUMÁRIO

1. Embarque	4
2. Projeto Bonde Casa	6
3. Trajetos e Territórios	8
4. Relatos	10
5. Desembarque	45
6. Ficha Técnica	46
7. Agradecimentos	46



1. EMBARQUE

Nosso ponto de partida é uma Região Metropolitana do Rio de Janeiro composta majoritariamente pela população negra e feminina; um mosaico diverso de culturas e modos de vida que resultam da integração dos diferentes municípios, cada um com sua própria identidade local. Diferentes tradições e influências se encontram e se entrelaçam. No entanto as desigualdades sociais apresentam uma realidade que também se reflete na cultura metropolitana, nas expressões artísticas e nas dinâmicas sociais, criando um cenário cultural complexo.

Após o período crítico de retrocessos e descontinuidades de políticas públicas no setor cultural, iniciado a partir do golpe de 2016 e intensificado durante o governo Bolsonaro com a extinção do Ministério da Cultura, chegamos ao momento de refundação das bases institucionais e programáticas que sustentam o desenvolvimento cultural do país. A volta do MinC, o marco regulatório do Sistema Nacional de Cultura, a elaboração do novo Plano Nacional de Cultura 2025-2035, a reflexão sobre a Política Nacional Cultura Viva no âmbito das comemorações dos 20 anos, e a Política Nacional Aldir Blanc sopram bons ventos na direção de uma maior democratização do acesso à cultura e descentralização do recurso financeiro que irão beneficiar estados e municípios.

A cultura resiste em meio à falta de recursos e hiperconcentração de equipamentos



17 dos 22 municípios da RMRJ **investem menos de 1%** do orçamento em cultura.



73% dos museus abertos da metrópole estão na capital.



11 municípios da RMRJ não possuem sala de cinema.

Fonte: Siconfi (2022) | Ibram (2024) | Casa Fluminense (2024).



A Política Nacional Cultura Viva destaca-se como uma iniciativa de base comunitária, que reconhece e valoriza aqueles que fazem a cultura acontecer nos mais diversos territórios. Na Região Metropolitana, existem 424 pontos de cultura certificados pelo Ministério da Cultura. Esses espaços, como centros comunitários e pontos de cultura, recebem suporte para realizar atividades que preservam e celebram as tradições e identidades locais.

Alguns dos impactos desta política são:



geração de renda;



promoção da educação não formal e inclusão social;



preservação das culturas locais que fortalecem o senso de pertencimento e orgulho da comunidade;



incentivo à sustentabilidade cultural com a criação e manutenção de espaços culturais autossustentáveis;



integração com outras políticas públicas, como as de saúde, educação e urbanismo, o que permite que as iniciativas culturais colaborem com programas de saúde mental, educação complementar e revitalização urbana.

Em resumo, a Política Nacional Cultura Viva é essencial para promover diversidade, inclusão e desenvolvimento cultural nos estados e municípios. Ao valorizar as expressões culturais locais, ela contribui para uma sociedade mais coesa, justa e culturalmente rica.

Outra medida adotada é a Política Nacional Aldir Blanc, uma importante iniciativa que destinará cerca de R\$ 388 milhões por ano aos estados e municípios até 2027. Esses recursos permitirão a criação de editais públicos exclusivos para pontos de cultura, representando um avanço significativo para o setor cultural.

No entanto, apesar dos avanços, as organizações, grupos e coletivos, que escolemos para fazer parte do circuito do Bonde Casa ainda atravessam algumas barreiras para acessar o recurso público. Todas já inscreveram e inscrevem projetos em editais públicos. No entanto, entre as maiores dificuldades encontradas por essas produções estão a burocracia dos processos administrativos e bancários para a abertura de conta, equipe reduzida e capacitada para a elaboração de projetos e prestação de contas, e a impossibilidade de alguns editais só permitirem inscrições como pessoa jurídica.

Com o objetivo de valorizar a identidade metropolitana, a Casa Fluminense moveu ao longo de 2023 e 2024 o Bonde Casa, um circuito cultural metropolitano que passou por algumas das iniciativas culturais realizadas pela rede de parceiros da Casa Fluminense. Convidamos todos a embarcar nesse passeio cultural pela RMRJ e pelos relatos das produções e de quem vivenciou a experiência cultural conhecer um pouco da sua diversidade cultural.

2. PROJETO BONDE CASA

O Bonde Casa foi retomado no ano de 2023, tendo como proposta promover um circuito cultural metropolitano pelas ações e experimentações artísticas e culturais, promovidas pela rede de organizações e projetos parceiros da Casa Fluminense, e por nossa Rede de Lideranças. Esse foi mais um passo da Casa no seu objetivo de valorizar a identidade metropolitana e a economia da cultura, além de se aproximar e somar na discussão sobre a produção cultural desse vasto território metropolitano e do seu acesso a políticas públicas.

Critérios da curadoria para seleção dos destinos dos bondes:

- Produções realizadas pela rede de organizações e projetos parceiros.
- Contemplação dos seguintes territórios:
 - Baixada Fluminense,
 - Zona Norte (AP3),
 - Zona Oeste (AP4 e AP5),
 - Leste Fluminense.
- Alinhamento com as propostas da **Agenda Rio 2030**.
- Produções realizadas por agentes ou produtores de cultura.



Ao todo foram mobilizados seis bondes, que passaram respectivamente pelo: Bloco Loucura Suburbana no Engenho de Dentro na Zona Norte; o evento Poesia, Rap e Samba em Nova Iguaçu, o Festival de Artes de Imbariê (FAIM) em Imbariê na Baixada; o evento Da Trilha à Mesa em Sepetiba; o Festival Zona de Cinema em Realengo na Zona Oeste; e o Fórum Rio 2024 em São Gonçalo, no Leste. Todas as produções receberam um apoio direto do Fundo Casa Fluminense para fomentar suas atividades.

Para além da circulação pelo território, o Bonde Casa, nesta edição, também se propôs a construir uma publicação que registrasse essa vivência, enaltecendo as potencialidades, belezas, memórias, patrimônios e cultura local da metrópole e também os seus desafios, narrados por quem de fato vive esse território e produz cultura. Após a execução das atividades foram colhidos relatos que estarão expostos e escritos por pessoas que vivenciaram essas atividades como público e que pegaram esse bonde, e como produtores que descrevem suas experiências pautando olhares de diferentes perspectivas sobre uma mesma atividade.

Com essas vivências e relatos de cada bonde será possível identificar e discorrer sobre diversas pautas e assuntos que permeiam a produção cultural e o debate sobre identidade metropolitana, alcançando outras discussões que perpassam por: mobilidade urbana; acesso à cidade; descentralização de espaços culturais; a apropriação e o reconhecimento de espaços públicos urbanos como pontos de cultura; o reconhecimento da profissão do produtor; o racismo; e o acesso a incentivos públicos e editais.

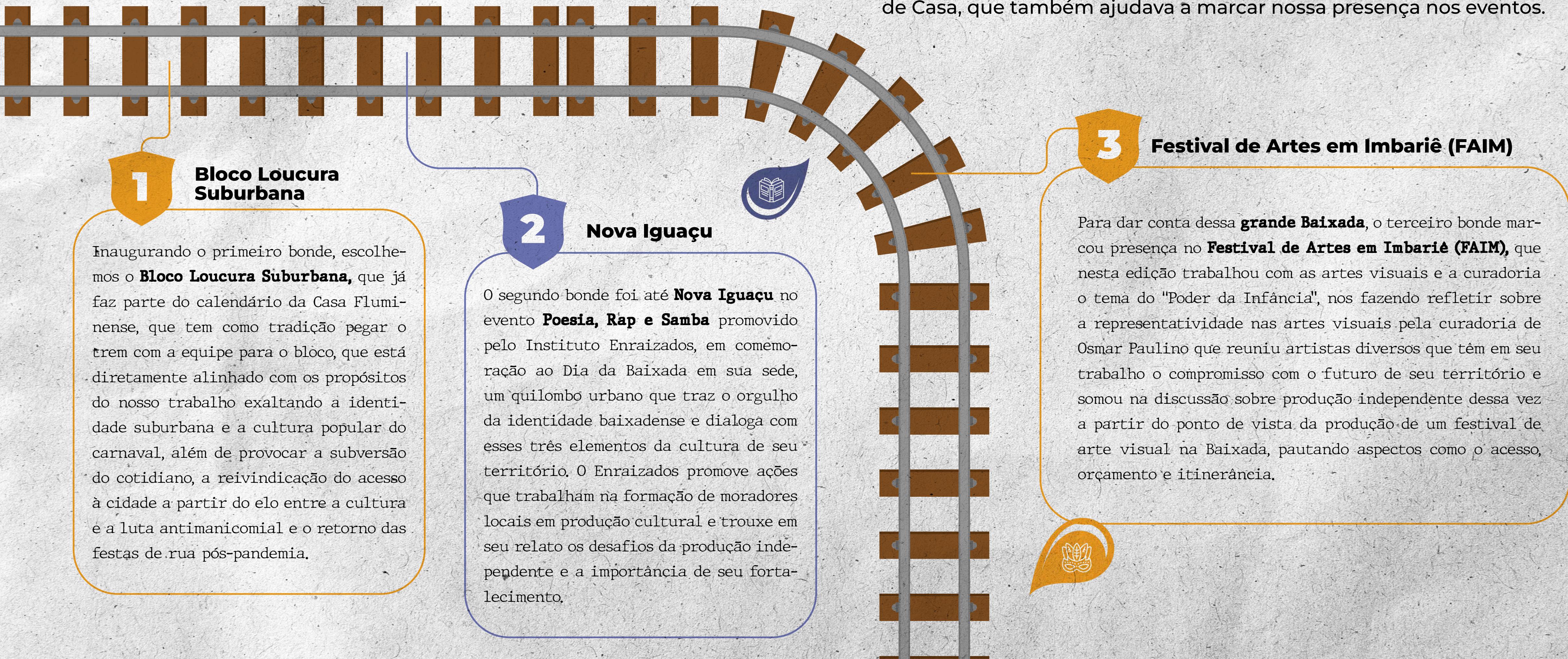
Neste sentido, garantimos registros audiovisuais e fotográficos durante os trajetos e ao longo das atividades como forma de contribuir com a proteção da memória de atores sociais e manifestações populares; parte fundamental da proposta de fortalecimento dos Sistemas de Cultura e Memória apresentada na Agenda Rio 2030. Além de possibilitar novas representações e imaginários para territórios marcados por imagens de escassez e violência, a produção e a difusão desses conteúdos funciona como um importante mecanismo de apoio a grupos e iniciativas da metrópole que historicamente enfrentam maior dificuldade na disputa por atenção, reconhecimento e acesso aos recursos públicos de fomento à cultura.

"Simbolizar o político e democratizar o simbólico."

– Victor Vich



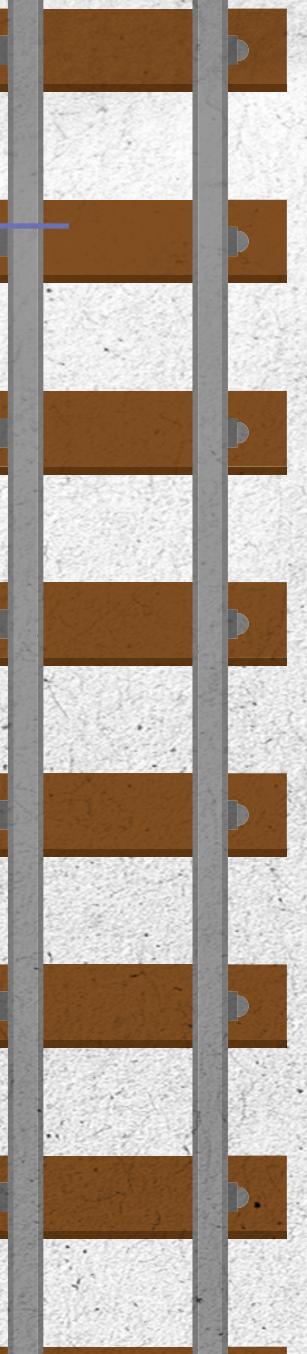
3. TRAJETOS E TERRITÓRIOS



4

Zona Oeste - “DA TRILHA À MESA”

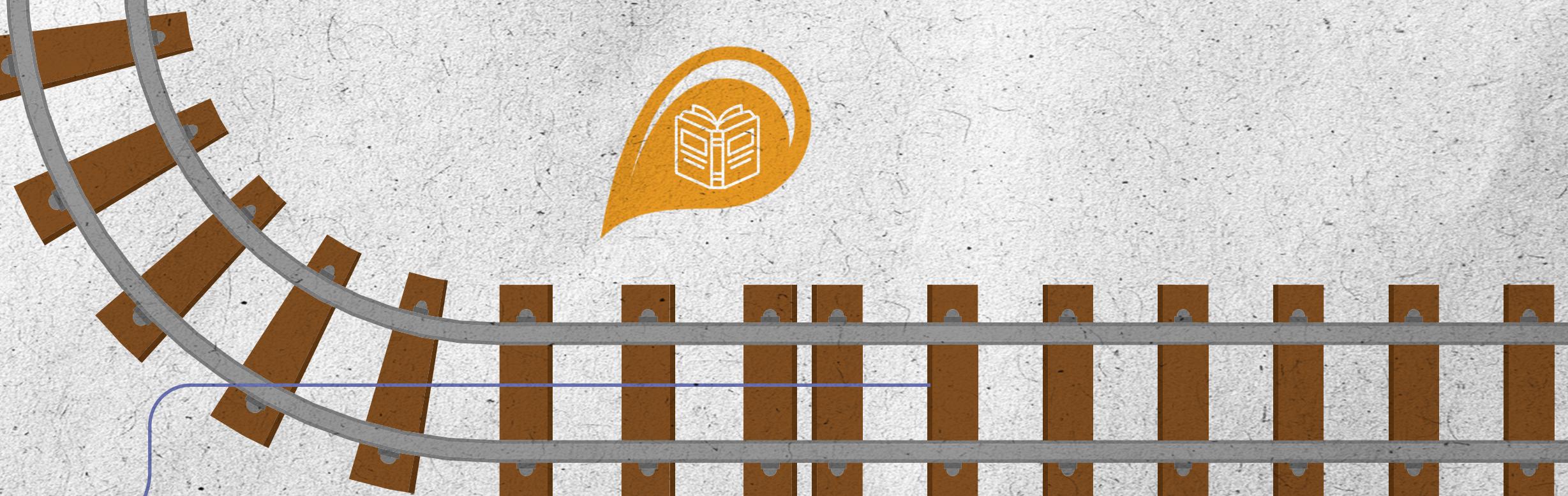
Passando pela **Zona Oeste**, o evento **“Da Trilha à Mesa”**, em Sepetiba promovido pelo Águas do Amanhã em parceria com o Terreiro Sustentável, provou reflexões sobre a importância do resgate e da valorização da memória territorial ancestral, segurança alimentar, sustentabilidade e preservação do meio ambiente, a necessidade de ampliação e adaptação das políticas culturais quando pensamos em comunidades tradicionais e povos de terreiro.



5

Zona Oeste - Espaço Cultural Viaduto de Realengo

Ainda na **Zona Oeste**, fomos até o **Espaço Cultural Viaduto de Realengo** para participar do **III Festival Zona de Cinema**, o evento marcou os 10 anos de ocupação do espaço público, com a proposta de cinema expandido, democratizando o acesso da população a produções audiovisuais locais e externas e possibilitando o debate e reflexão junto de quem produz.



6

São Gonçalo - Leste Fluminense

Encerramos esse percurso em **São Gonçalo**, no **Leste Fluminense**, com o **Fórum Rio 2024 - Cidades Sob Pressão**, produção da Casa Fluminense, evento que reuniu nossa rede de lideranças, parceiros e organizações para debater sobre os temas prioritários da Agenda Rio 2030. A programação contou com painéis temáticos, lançamento de publicações, oficinas e programação cultural.





4. RELATOS

cultura

identidade

arte

patrimento

acesso

memória

território



Bonde Loucura Suburbana

Ponto de encontro: Central do Brasil

Território: Zona Norte

Modo de chegada: Trem

Tempo de deslocamento: 40 min

Km: 12,7 km

“Sob o calor marcante de fevereiro e do clima de pré-carnaval que já pairava no ar daquele fim de tarde de quinta-feira, dia 16, com gosto de sexta, em meio ao vaivém na Central do Brasil um estandarte anunciava o Bonde Casa, dentro do vagão cheio do ramal Japeri, rumo a Engenho de Dentro, alguns corpos fantasiados anunciam a chegada do carnaval e contrastavam com o cotidiano ainda seguindo a rotina do dia útil. Chegando em Engenho de Dentro, no caminho para o encontro com o bloco, as fantasias já eram mais comuns e a excitação apressava os passos.”



Criado em 2001, como parte do processo de desconstrução do modelo asilar do Instituto Municipal Nise da Silveira, o Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana rompe os muros do hospício e abre o carnaval de rua do Engenho de Dentro, sempre às quintas-feiras de pré-carnaval dando “uma injeção de união entre os pacientes, comunidade e moradores em torno da alegria do povo” (Alencar S. G.) criando um movimento de integração com a comunidade.

Para além do bloco, em 2010 o coletivo constituiu-se no primeiro ponto de cultura em saúde mental da cidade do Rio de Janeiro, com apoio da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (SECEC/RJ), passando a oferecer atividades permanentes abertas à população de forma gratuita, como as oficinas livres de composição musical, cavaco, confecção de fantasias, incorporando a cultura aos dispositivos de saúde mental e a população ao criativo e inovador mundo da loucura.



Ele é produzido por muitas mãos e durante o ano todo, passando desde o concurso de escolha do samba-enredo, a captação de recursos pela produção, a colaboração dos vendedores ambulantes, voluntários, foliões e a bateria A Insandecida regida pelo mestre Fernando Mesquita, que dá ritmo ao desfile.

“Como comunicador e apresentador, pude perceber a alegria, o calor humano e a animação das pessoas presentes na “Escolha do Samba”. Pude acompanhar as histórias pelos vários sambas-enredo escritos, de uma maneira mais detalhada e, com mais visibilidade, mesmo depois de uma pandemia, foi um momento marcante e inesquecível que pode ser compartilhado coletivamente. A equipe do Ponto de Cultura Loucura Suburbana mostrou engajamento, trabalho feito coletivamente de preparação, organização e qualidade, coisas essenciais para a realização do evento que serviu de prévia para a abertura do carnaval do Engenho de Dentro e também do carnaval carioca. A Escolha do Samba do Loucura Suburbana foi uma experiência muito marcante e por isso me sinto grato pelo convite que me foi dado de apresentar – afinal de contas, como eu sempre digo: o Loucura Suburbana é o local do meu coração. Mesmo eu fazendo parte do Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho, também dentro do Instituto Municipal Nise da Silveira, participar de todo esse processo e sentir essa energia positiva que essa galera tem é algo inexplicável e, ao mesmo tempo, uma sensação muito boa. Esse é o clima desse lugar.”

- Alan Ribeiro

"Conheço o Loucura Suburbana desde meus 15 anos. A minha relação com o bairro do Engenho de Dentro, por si só, já é bem antiga. Toda a família do meu pai é de lá. Meu avô, um dos fundadores do Arranco, sempre residiu no bairro. E eu, desde pequena, sempre ia brincar e subir na goiabeira que existia atrás do seu prédio. Fazer parte de uma história, de carregar no sangue parte da história do Rio, uma ínfima parte, mas sim, eu carrego, é um gigante privilégio. Hoje, eu construo a minha história. Das escolas de samba, da Portela, do Império, da Grande Rio, das avenidas da vida, adentro em um outro caminho, a das ruas encantadas do Engenho de Dentro. Esse ano foi meu primeiro ano como produtora desse bloco. Foi o primeiro carnaval que, além de estar como foliã, eu estava como uma profissional, colocando literalmente meu bloco na rua. E não um simples bloco, mas o MELHOR bloco na rua. Como o historiador e professor Luiz Antônio Simas falou "Para tudo começar na quinta-feira...", o Rio só se encanta verdadeiramente quando o Loucura sai às ruas. Foi o primeiro carnaval com o manicômio fechado e o meu primeiro como produtora do bloco. Foi um marco pra mim - é um grande retorno. E agora, de fato, eu voltei para o meu início, onde na verdade, sempre estive e onde tudo começou!"

Lana Cristina - produção



Em seus sambas, trazem letras que enaltecem o bairro, o subúrbio, o amor, o respeito, o direito à loucura e à liberdade, pautando o acesso à cidade, a luta antimanicomial e a valorização da identidade suburbana. Juntam-se à festa, um trio elétrico, bonecos gigantes, pernaltas, estandartes, o mestre-sala e a porta-bandeira, reunindo elementos muito importantes do carnaval e da cultura popular brasileira, ressignificando e subvertendo o cotidiano, transformando as ruas e praças.

"Meu sentimento é de amor e admiração porque desde 2005 estou no Loucura e me sinto importante e com muita dignidade de vestir e desenhar minhas roupas e ver meus vizinhos e amigos estarem no bloco. Pois não ter mais preconceito e a liberdade de ser quem eu sou, mais o espaço de ser agora uma nova pessoa, de ser de arte e cultura e desempenhar nova função sempre, como agora - portabandeira, aderecista, compositora, pintora... E, depois de tudo, desfilamos em 2023 e foi a liberdade de poder respirar e poder sorrir com sentimentos. Ser uma borboleta soltando pólen no sol do verão junto com a Bateria A Insandecida e todos os meus amigos, as cores e sempre transformada."

Elisama Arnaud

O ano de 2023 em especial marcou o retorno do bloco Loucura Suburbana às ruas do bairro de Engenho de Dentro, na Zona Norte do Rio de Janeiro, após dois longos anos de liberdade sufocada (Márcia Viceconte) pela pandemia de covid-19. E neste mesmo ano pela primeira vez, com o fim do regime de manicômio, sem nenhum paciente internado no Instituto Nise da Silveira que se tornou um parque, com atividades de arte, cultura, esportes e geração de renda.

Como já anunciava o samba vencedor, "Chegou o carnaval, Loucura Suburbana vai desfilar para levantar o nosso astral. Despertou o sol e a primavera, trazendo luz de uma nova era. De mais respeito, saúde, democracia. Liberdade, esperançar é o nosso guia" – samba vencedor de 2023, Loucura Suburbana é o melhor remédio, Elaine Morgado.

"Uma realização pois era o primeiro desfile (2023) de muitas pessoas da bateria, uma bateria renovada, novos componentes, mistura de sentimentos, componentes chorando de emoção e para nós, antigos, que no ano anterior ensaiamos e por causa da pandemia não pudemos colocar nossos ensaios em prática, poder novamente mostrar ao bairro nossa musicalidade como fruto de muito ensaio, muita resenha, foi uma satisfação! Satisfação também foi rever muitas pessoas que não estão mais nos caps, profissionais e clientes da rede que, pela convivência, acabamos criando um vínculo de amizade, podendo exercer nossa militância cultural e carnavalesca novamente. Vamo que vamo!"

Fernando Mesquita

Mestre da bateria A Insandecida



Alegria também cura!

Do asilo ao parque, este foi o desfile da espera, da surpresa, pois não sabíamos como nos sentíamos depois de dois anos de sonhos e esperanças. Tava faltando o colorido, a purpurina dos últimos 20 anos de desfiles consecutivos, interrompidos pela pandemia desde a escolha do samba com refrão forte e marcante composto pela Eliane Pinto, ecoou pelas ruas do Engenho de Dentro novamente a alegria. Uma cura para nossas ansiedades, depressões e medos, pelo menos naquele momento, pois parecia que tudo estava dando certo. O som, a bateria afiada e o cordão de foliões. Na Praça Rio Grande do Norte, o alívio, a descontração da fanfarra, as fotos com a porta-bandeira e os bonecos artesanais do "Germano". A tradição do carnaval de rua realmente levantou o astral em nosso retorno às portas do instituto – sambas campeões de carnavais passados foram cantados com energia. Era a folia do Engenho e do carnaval – a purpurina e o colorido que estavam de volta aos nossos corações. Evoé!

André Cabral

Bloco Loucura Suburbana.



Bonde Poesia, Rap e Samba

Ponto de encontro: Central do Brasil
Território: Baixada Fluminense
Modo de chegada: Trem
Tempo de deslocamento: 1h15min
Km: 44,7 km

“No dia 30 de abril, o Bonde Casa saiu da Central, num sábado, do ramal Japeri, rumo ao evento “Poesia, Rap & Samba” para comemorar o Dia da Baixada Fluminense, no Quilombo Enraizados, em Morro Agudo. A data é uma homenagem à primeira ferrovia do Brasil, ligando a Estação de Guia de Pacobaíba (Estação Mauá) até Magé, inaugurada em 30 de abril de 1854. O vagão estava mais vazio e o grupo menor. Uma parte do grupo da nossa Rede de Lideranças, já tinha passado por ali horas antes para uma gravação para o aniversário de 10 anos da Casa Fluminense. Ao sair da estação, o fim da feira anunciaava a tarde chegando e o encontro no quilombo foi com festa e formou um bonde daqueles!”



O evento “Poesia, Rap & Samba” nasceu a partir do apoio do Instituto Enraizados aos estudantes da UFRRJ em sua pesquisa intitulada “Operários do Samba”, sobre a rica história dos compositores de samba na Baixada Fluminense. Dada a inexperiência dos estudantes na produção de eventos, o instituto assumiu a responsabilidade de organizar a estreia junto de uma roda de samba e uma feijoada, no Quilombo do Enraizados.

“(Em sua primeira edição) O evento atraiu aproximadamente duzentas pessoas ao Quilombo Enraizados, incluindo aqueles que raramente visitavam o local – pais dos jovens envolvidos nas atividades, membros da comunidade, universitários e políticos locais. Esse encontro diversificado refletiu a abrangência e o impacto cultural que o evento visava alcançar. As semanas que se seguiram foram marcadas por uma enxurrada de mensagens encorajadoras, nos estimulando a repetir a experiência. Embora uma nova edição no mês seguinte fosse humanamente impossível, a demanda estava dada. Isso nos levou, dois anos depois da edição inaugural, a incorporar o evento ao calendário anual do Instituto Enraizados, celebrando-o, a partir de então, no Dia da Baixada Fluminense, em 30 de abril.”

Dudu de Morro Agudo

produtor, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense

O Instituto Enraizados é uma organização de hip hop que nasceu no final dos anos 90, em Nova Iguaçu, com a missão de utilizar as artes integradas do hip hop como uma poderosa ferramenta de transformação social para o seu território. Além disso, oferece aulas no pré-vestibular comunitário para democratização do acesso da juventude periférica à universidade. Em novembro de 2015, tornou-se uma entidade associativa não governamental, sem fins lucrativos.

Nesta segunda edição, com produção de Hulle Brasil e do rapper e diretor do instituto Dudu de Morro Agudo, teve a participação de diversos artistas, entre eles Lisa Castro, Átomos Pseudopoeta, Slow da BF, DJ Dorgo e a sambista Simone Costa, que nos brindou com uma roda de samba onde cantou músicas autorais e das maiores autoridades do samba.

O evento tinha como objetivo a formação cidadã, desenvolvimento de um olhar crítico sobre a comunidade e a Baixada Fluminense, promoção da colaboração e reflexão sobre políticas culturais. Além de celebrar a pluralidade, o afeto e o intercâmbio entre diversas expressões artísticas, abrindo espaço para qualquer pessoa presente no evento manifestar sua arte.

"O "Poesia, Rap & Samba" verdadeiramente se destacou como um evento colaborativo, concebido e executado por uma equipe diversificada, incluindo os alunos do Curso Prático de Produção de Eventos Culturais do Instituto Enraizados (CPPEC), que contribuíram de maneira singular. A capacidade limitada do Quilombo Enraizados nos levou a determinar 150 como o número ideal de participantes para garantir uma boa experiência. Essa definição facilitou aspectos práticos, como a estimativa de pratos de feijoada, variedade de bebidas e necessidade de equipe. Para otimizar a venda de ingressos, desenvolvemos uma estratégia envolvendo dez pessoas-chave da instituição, agilizando o alcance ao público-alvo. A agitação e dedicação valeram a pena, pois conseguimos cumprir todos os objetivos e superar as expectativas."

Dudu de Morro Agudo

produtor, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense

O evento contou com um público diversificado, composto por pais dos jovens do Enraizados, professores, políticos, artistas, militantes e membros da comunidade. Mas também tiveram alguns desafios, principalmente financeiros, exigindo parcerias estratégicas com produtores locais com experiência na realização de rodas de samba. Ainda assim, na produção de eventos, contratemplos até podem ser previsíveis, mas não inevitáveis trazendo prejuízos, principalmente se estamos falando de produções independentes.

"Enfrentamos um contratempo com o grupo de samba originalmente planejado, que recuou na semana do evento. Adaptamo-nos rapidamente, contratando outro grupo e lidando com novas exigências técnicas e equipamentos adicionais."

Dudu de Morro Agudo

produtor, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense

De modo geral, além da colaboração, o evento movimentou a renda local, remunerando artistas, fornecedores, técnicos e profissionais de produção e fortaleceu o campo cultural incentivando a formação de novos produtores culturais, a expressão artística pela música, a poesia e a diversidade.

"Em retrospectiva, o evento "Poesia, Rap & Samba" não apenas celebrou a rica herança cultural da Baixada Fluminense, mas também fortaleceu laços comunitários, impulsionou talentos e ressaltou a importância da colaboração e da diversidade artística. Estamos motivados a continuar esse legado, buscando sempre elevar a experiência cultural e artística de nossa comunidade."

Dudu de Morro Agudo

produtor, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense



A proposta de unir diferentes manifestações culturais – poesia, rap e samba – foi, sem dúvida, alcançada. A diversidade de participantes, representando o samba e o rap, bem como a participação de artistas como Dudu no rap e Dorgo e Lisa na poesia, tornou evidente essa fusão cultural. O evento proporcionou uma experiência apreciativa e inclusiva para todos os presentes.

Considero esse tipo de evento extremamente importante para a comunidade local. É quase singular em sua proposta, reunindo poesia, rap e samba de forma qualitativa e bem pensada. Demonstra que eventos de alta qualidade podem acontecer também em nossa comunidade, não apenas nos grandes centros urbanos. Acredito que seja um ganho significativo para a comunidade local, mostrando que produzimos cultura e arte valiosas aqui também.

Welton Cordeiro

40 anos, professor e atualmente diretor em uma escola da rede estadual.



Bonde Festival de Artes em Imbariê

Ponto de encontro: Central do Brasil

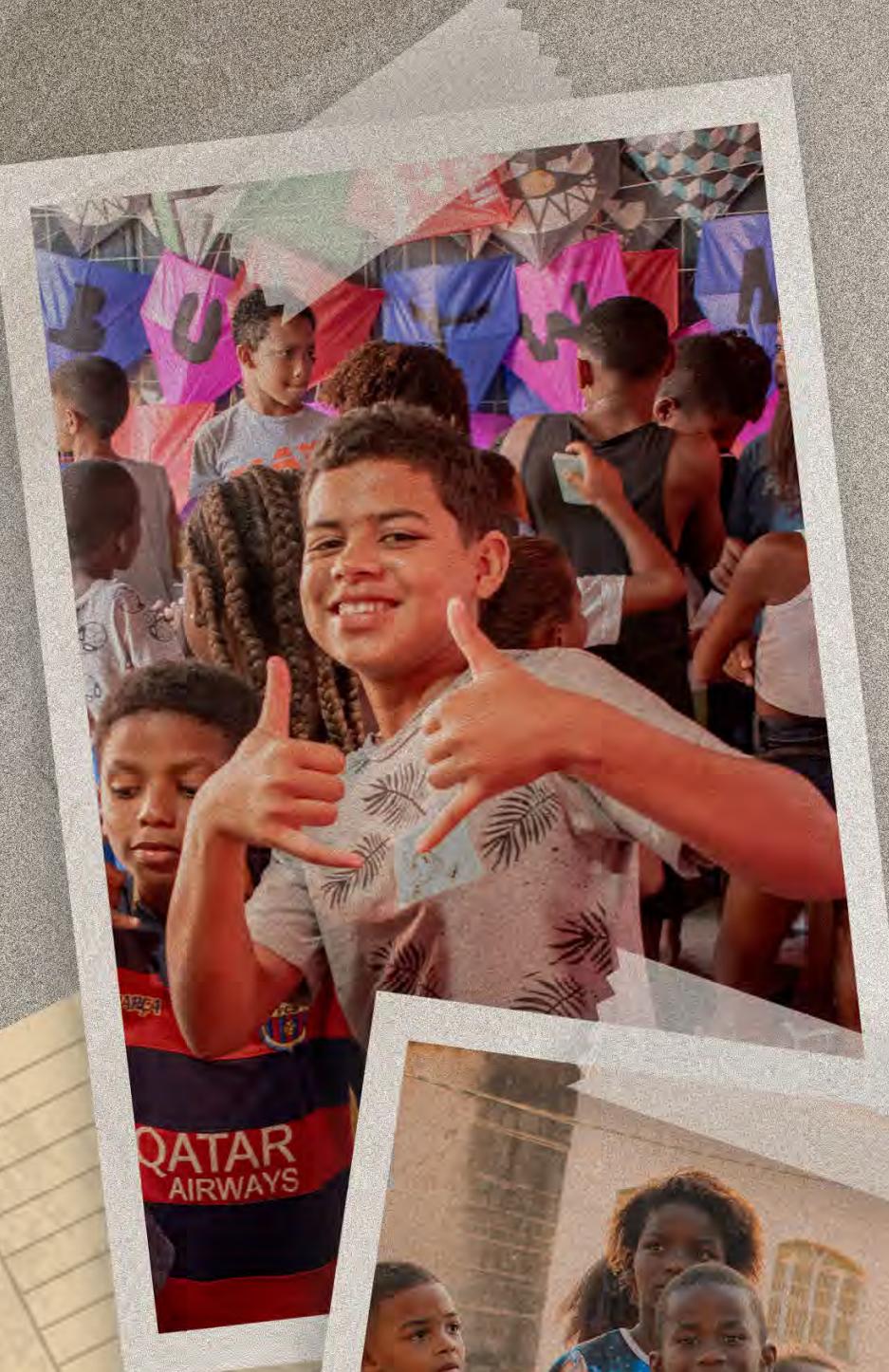
Território: Baixada Fluminense

Modo de chegada: Ônibus

Tempo de deslocamento: 2 h

Km: 43,9 km

“Desta vez o Bonde Casa pegou o ônibus da linha 468 - Piabetá x Central do Brasil. O caminho foi longo, mas, sem o trânsito da Av. Brasil dos dias de semana, foi mais rápido. Era um sábado de agosto, as ruas do bairro estavam pouco movimentadas, mas com a presença de moradores nas calçadas, sem a pressa do dia a dia. O ponto de desembarque foi sinalizado com um estandarte do FAM que guiava a partir de outros estandartes o caminho até o evento, fazendo jus ao tema “O poder da infância” e já trazendo de forma lúdica como quem segue pistas e ao chegar à visão da lona listrada laranja e azul, que se tornou uma marca cultural, revelava um mundo acontecendo sob ela.”



O FAIM (Festival de Artes de Imbariê) é um coletivo da periferia de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, que se propõe a ser um espaço de sobreposições tendo as artes visuais como principal elemento para a produção de sentidos sobre a Baixada. Criado em 2017, é realizado uma vez ao ano, tendo alcançando já 100 mil pessoas. Além da exposição ao longo do ano, o grupo desenvolve oficinas de artes visuais nas escolas municipais do bairro de Imbariê.

Na edição de 2023, Osmar Paulino, curador e diretor criativo, teve a ideia de construir uma narrativa visual sobre a infância a partir de uma afroperspectiva. Para tanto, foi feita uma pesquisa nos textos sobre o tema, como o artigo “O poder da infância” do professor Renato Nogueira que deu nome à edição, para dar base teórica à exposição e logo após uma pesquisa etnográfica sobre as obras de artistas oriundos de periferias e favelas do Rio de Janeiro.

“Assim, mediante a pesquisa textual chegamos em quatro subtemas: brincadeira, sabedoria, cuidado e poder. Entendemos que a infância em afroperspectiva possui estes conceitos intrínsecos a ela, uma vez que brincar é o exercício primeiro, a sabedoria se dá de maneira orgânica diante do cuidado que toda uma comunidade oferece uns aos outros e o poder é justamente fruto do conjunto de todos os outros três conceitos. Após a pesquisa textual iniciou a pesquisa etnográfica pela leitura de portfólio de artistas que já eram conhecidos pelo curador. A partir daí percebeu-se que alguns artistas não possuíam obras que dialogassem com os subtemas acima. Dessa maneira a curadoria sugeriu que alguns artistas fizessem algumas obras comissionadas para o FAIM 2023.”

Osmar Paulino

diretor criativo e curador do FAIM, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluno do Curso de Políticas Públicas.



O festival contou com dois momentos de contação de história, visita guiada pelo curador e pelas crianças, além de uma apresentação circense da companhia artística Sol sem Dó. Criando um ambiente em que todos e todas presentes, independentemente de serem ou não crianças, puderam resgatar o poder da infância de dentro de si.

A produção destaca também o objetivo de proporcionar uma experiência única para as diversas pessoas que moram em Imbariê e que nunca tiveram a chance de experimentar um evento como este em seu bairro e para as pessoas que vieram de fora, uma experiência catártica diante da potência contida nas periferias e favelas fluminenses.

Osmar destaca que o grande desafio da curadoria foi dar à exposição e para a parte do circo uma unidade narrativa. Pois o festival sempre teve como característica ser um festival de artes visuais e música, mas dessa vez preferiram investir na produção de uma apresentação circense, pois assim dariam conta de atingir todas as faixas etárias além de ter um diálogo mais próximo com a exposição.

Outro desafio foi efetuar uma produção eficaz e eficiente com baixo orçamento. Assim, algumas atividades que poderiam ser facilmente executadas precisaram ser repensadas exigindo criatividade de toda a equipe de produção.

"Desta maneira foi com a expografia (arquitetura) da exposição, que inicialmente continha, no projeto, alguns elementos como corda de sisal, paletes, textos curatorial e de apoio em adesivos, e impressão das artes digitais em papel fotográfico, tiveram que ser substituídos por barbantes, tecidos etc. Assim, também foi com o transporte das obras. Que foi feito por um morador de Imbariê que nos acompanha desde 2017. Ele trabalha com transporte, mas como não tínhamos como arcar com o valor do transporte que teria de ir buscar obras em ateliês e casas de artistas em várias cidades da Baixada Fluminense, da Zona Leste, da Zona Sul, da Zona Norte e Centro do Rio de Janeiro, ele somente cobrou a gasolina, mas teve que fazer este transporte em mais de um dia, pois só poderia ir no turno da noite, após o seu expediente."

Osmar Paulino

diretor criativo e curador do FAIM, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluno do Curso de Políticas Públicas

Apesar dos pedidos de apoio já feitos, a produção afirma que não há interesse por parte do poder público, o que aumenta ainda mais os desafios, pois dificulta a locação de estruturas básicas como palco, banheiro químico, iluminação e serviços como o da guarda municipal. Além disso, há também a recusa de fornecedores para entregar e montar equipamentos e serviços no território, o que atrasa o processo de produção.

“Esses problemas foram resolvidos quando conhecemos na rua onde ocorreu o FAIM 2023 uma mulher conhecida como “Negona”. Negona tem um bar em frente à casa dela e aluga lonas, banheiros químicos, mesas, cadeiras de bar. Ao contarmos para ela sobre nossa dificuldade de alugarmos esses equipamentos, ela prontamente alugou os dela. Mas isso não foi tudo quando apresentamos o projeto do FAIM para ela, a mesma ficou encantada e alugou tudo pela metade do preço.”

Osmar Paulino

diretor criativo e curador do FAIM, apoiado pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluno do Curso de Políticas Públicas

Podemos ver como a mobilização da comunidade local segue sendo a base para produções independentes de modo que quando o apoio não vem das esferas que deveriam, as “gambiarras” e trocas afetivas e comunitárias mostram sua capacidade de solução local. Mas até quando isso será possível e necessário?

DESTAQUES



Público de mais de 500 pessoas presentes e 15 mil pessoas alcançadas nas redes sociais.



Investimento de mais de R\$ 6 mil na economia local e R\$ 5 mil na feira empreendedora.



Marcar Imbariê no mapa das artes visuais fluminense, com participação ao vivo no Bom Dia Rio.



Maior número de pessoas negras e empobrecidas nesta edição por conta da realização do festival dentro de uma das favelas do bairro.



Distribuição de lanche para as crianças, mostrando como pensar a fruição e o acesso à cultura passa também pelo cuidado e pela garantia de direitos básicos.



Fui uma criança que exercia o lado artístico, principalmente, dentro da igreja evangélica. Durante a adolescência, conheci projetos sociais que me aproximaram de outras linguagens artísticas, como a dança e o teatro. Só me aproximei, de fato, das artes visuais, na fase adulta em uma pós-graduação na Uerj, com parceria com o Parque Lage, inclusive passando por alguns constrangimentos no segundo espaço, por falta de conhecimento em arte contemporânea. Por ironia do destino, me tornei professora de artes, função que se tornou a minha principal fonte de renda.

Foi lindo ver e viver esse movimento, Bruna Maria, Hera Marques, Osmar Paulino, os voluntários, moradores parceiros, e os 27 artistas dessa edição fazendo a gira da arte acontecer de forma acolhedora, não tinha espaço para constrangimentos, era permitido ver, brincar, comer, perguntar, conhecer artistas, interagir com as obras. As crianças, em muitos momentos, foram mediadoras da exposição, se apropriando do contexto das obras e explicando para outras crianças e adultos. Sem deixar de citar os pequenos artistas do projeto "Aula de boa", de Robnei Bonifácio, que chegaram sorridentes para apresentar a sua obra, que faz parte da Elephant Parade Brasil.

O FAIM de 2023, me levou de volta para casa, para o meu quintal. Quando desci na Estação Manuel Belo, avistei os estandartes alaranjados confeccionados pela equipe, que me conduziram até o espaço do festival, quase como um encantamento. Nego Bispo nos ensina que "é preciso aprender a voltar pra casa", pois algumas respostas só encontramos no nosso chão.

Salve FAIM, Salve Imbariê, Salve Baixada Fluminense!

Michelle Lima

35 anos, atriz, pesquisadora e arte educadora, nascida e criada no bairro de São Mateus, São João de Meriti, voluntária da edição.



Da Trilha à Mesa: Um Dia de Cultura e Gastronomia Afro

Ponto de encontro: Central do Brasil

Território: Zona Oeste

Modo de chegada:

Trem e carro de aplicativo

Tempo de deslocamento: 2h13min

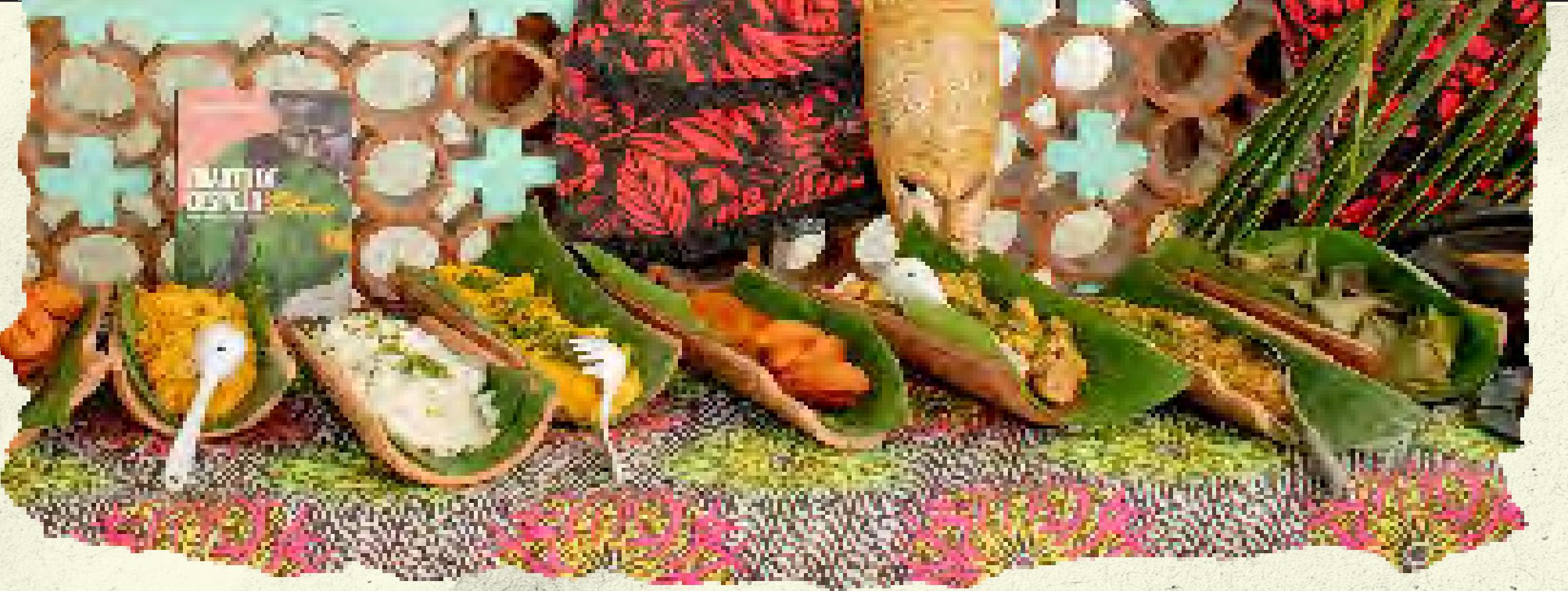
Km: 74,3 km



“Num domingo de final da primavera, dia 25 de novembro de 2023, nos encontramos na Central do Brasil, e embarcamos no ramal Santa Cruz rumo à Sepetiba. Da Central até Santa Cruz são 33 estações, e até chegar à Praia do Recôncavo percorremos mais 11 quilômetros e meio. Por ser domingo, o intervalo entre as linhas de ônibus são maiores e por isso seguimos nesse segundo trecho de carro de aplicativo, éramos um total de sete pessoas nesse trajeto, e lá nos juntamos aos demais participantes da trilha, que tinha como ponto de partida a estátua de Yemanjá. Fomos recebidos com um café da manhã e a expectativa era vivenciar uma experiência imersiva pelos pontos turísticos locais e a gastronomia afrodiáspórica, celebrando a herança cultural e promovendo a inclusão.”







“Da Trilha à Mesa: Um Dia de Cultura e Gastronomia Afro” foi produzido pelo Instituto Águas do Amanhã e Terreiro Sustentável. O instituto nasceu em 2020 a partir da iniciativa da Yalorixá Roberta de Yemonja, liderança religiosa do Ilê Alaketu Ase Awom Omi Yemonja (Casa das Águas de Yemonja), terreiro de matriz africana situado em Sepetiba, Zona Oeste do Rio de Janeiro, diante da pandemia de covid-19 e o crescimento da vulnerabilidade social dos membros da Casa, principalmente com mulheres e que se estenderam ao público em geral. Sua missão é auxiliar na emancipação e transformação social de mulheres cis e trans, em especial mães solo, negras, afrodescendentes, por meio de ações educacionais e culturais buscando evidenciar suas potencialidades compreendendo as redes como ferramenta central.

“Desde o seu planejamento, o propósito deste evento foi claro: promover a diversidade cultural, incentivar a inclusão e destacar a importância do acesso à cultura e à mobilidade urbana. A equipe de produção dedicou-se a criar uma experiência que não apenas encantasse os participantes, mas também os desafiasse a refletir sobre questões cruciais enfrentadas por comunidades urbanas como Sepetiba.”

Roberta Costa de Yemonja

apoiada pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluna
do Curso de Políticas Públicas

O instituto atua pelos eixos de **assistência social, segurança alimentar e saúde íntima da mulher; educação, saúde e cultura**. Realizam rodas de conversa, oficinas e cursos para aumento e geração de renda, e oficinas para promoção da cultura.

Nesta primeira edição, o circuito pensado para a trilha circulou a orla de Sepetiba e antes de começar a caminhada foi proposta uma roda para ouvir o toque da Vamunha que remete a travessia do povo negro trazido à força nos navios negreiros. A reflexão sobre a história e a herança negra daquele território acompanhou todo o trajeto. Além disso, a denúncia sobre os problemas ambientais enfrentados pela região também foi pauta, trazendo com falas e memórias das pessoas presentes, a frustração por ver a orla tão poluída atualmente. A Baía de Sepetiba sofre com a degradação há muitos anos, o despejo de indústrias do entorno e a falta de saneamento básico são os grandes responsáveis. Um dos maiores desastres ambientais ocorreu em fevereiro de 1996 em decorrência do rompimento de um dique de contenção de resíduos tóxicos da antiga Companhia Mercantil Industrial Ingá, contaminando a baía com metais pesados como cádmio e zinco.

O território tem como base a pesca e as comunidades tradicionais de terreiro são grandes aliadas da conservação e recuperação da orla, fortalecendo um elo poderoso e antigo que une a cultura e os saberes populares/tradicionais e a luta por justiça climática. A cultura é ferramenta e estratégia de mobilização, ela pode ser uma grande colaboradora para ampliar o debate sobre crise climática e garantir condições de adaptação.

Ao longo do dia, enfrentamos desafios que nos confrontam com a realidade complexa e multifacetada dessa região. Desde a logística até a preservação das tradições culturais, cada obstáculo nos ensinou lições valiosas sobre resiliência, adaptabilidade e trabalho em equipe. No entanto, cada desafio foi também uma oportunidade para descobrir a beleza escondida e a força vibrante que permeiam Sepetiba. O impacto deste evento foi profundo e duradouro. Ao unir pessoas de diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro, com o transporte público, pudemos testemunhar em primeira mão a importância da mobilidade urbana para a inclusão social e o acesso à cultura. Os relatos e as reflexões compartilhadas ao longo do dia ecoaram não apenas em nossos corações, mas também nas comunidades que visitamos, fortalecendo os laços e inspirando mudanças positivas.

Roberta Costa de Yemonja

apoiada pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluna
do Curso de Políticas Públicas

Para a Casa Fluminense o transporte é um direito básico que garante o acesso a outros direitos como saúde, educação, emprego e cultura. No entanto, dados do Mapa da Desigualdade evidenciam que um em cada 10 habitantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro compromete pelo menos $\frac{1}{4}$ de sua renda com transporte. Na Agenda 2030, lançada em 2024, no âmbito do transporte lutamos pela política de tarifa zero nos municípios.



“Da Trilha à Mesa: Um Dia de Cultura e Gastronomia Afro” foi muito mais do que uma simples jornada; foi uma celebração da diversidade, da resiliência e da riqueza cultural que fazem de Sepetiba um lugar verdadeiramente especial. Que este evento inspire outros a explorar, aprender e se conectar com as comunidades e tradições que tornam nossa cidade tão vibrante e única. Que cada passo dado nessa trilha seja um lembrete do poder transformador da cultura e da união.

Roberta Costa de Yemonja

apoiada pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluna
do Curso de Políticas Públicas



Fazer esse circuito foi viajar no tempo literalmente, porque na infância eu e meus familiares passamos alguns carnavais e férias numa casa de parentes. O trajeto de trem me situou na distância e no tempo que as pessoas gastam para chegar em Santa Cruz final da linha, mesmo encurtando o caminho utilizando um carro de aplicativo o trajeto continua sendo longo.

Me deparar com aquela praia um pouco pequena e que na minha memória era tão grande, o cheiro da maresia, ver a pedra em que fica a sereia tudo isso fez com que eu revivesse o passeio da infância. As histórias ali contadas pelos professores do coletivo me trouxeram uma nostalgia, mas também um pertencimento.

A caminhada pelos pontos, a subida até a ponta da praia onde ainda existe extração de mariscos pelas mulheres locais me deixou pensativa... que trabalho árduo tão desvalorizado e de subsistência de muitas.

Nesse ponto da praia ouvimos histórias sobre nossos antepassados marcadas pela violência e pela proximidade da atualidade. Por fim, chegou a hora de comer e também de conhecer mais sobre a culinária de terreiro e o trabalho com reaproveitamento dos alimentos que vão para a mesa do sagrado realizado no terreiro da mãe Roberta Costa de Yemonja. Fomos muito bem recebidos e acolhidos por todos e a comida, hum, estava deliciosa. Terminamos com um samba de roda para salvar o chão do terreiro. Foi um domingo de resgate de memória e de aproximação das histórias de um território que já foi muito importante para a economia do estado do Rio de Janeiro e que hoje conta com os coletivos Terreiro Sustentável e Instituto Cultural Águas do Amanhã para salvaguardar as memórias.

Etel Oliveira

coordenadora pré-vestibular comunitário Nica Jacarezinho,
ex-aluna Curso de Políticas Públicas apoiada pelo Fundo Casa Fluminense.



Bonde III Festival Zona de Cinema

Ponto de encontro: Central do Brasil

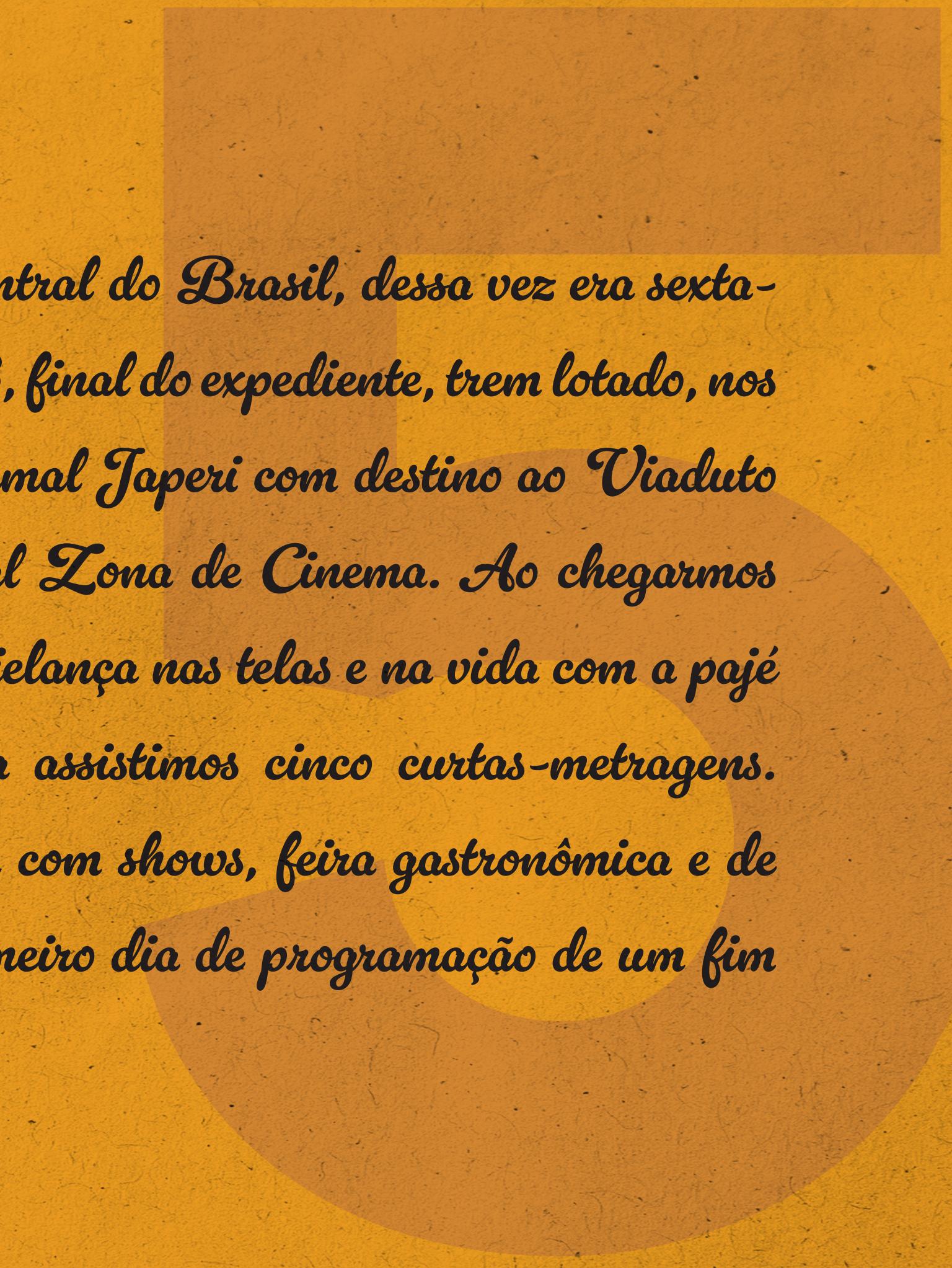
Território: Zona Oeste

Modo de chegada: Trem

Tempo de deslocamento: 54 min

Km: 35,7 km

“Mais uma vez partimos da Central do Brasil, dessa vez era sexta-feira, dia 8 de dezembro de 2023, final do expediente, trem lotado, nos encontramos na plataforma do ramal Japeri com destino ao Viaduto de Realengo para o III Festival Zona de Cinema. Ao chegarmos no local já rolava a oficina de pajelança nas telas e na vida com a pajé Rita Tupinambá, em sequência assistimos cinco curtas-metragens. A programação também contava com shows, feira gastronômica e de artesanato. Este foi apenas o primeiro dia de programação de um fim de semana inteiro.”





O Zona de Cinema é um projeto de cinema que atua em três eixos: ocupação de territórios periféricos com cinema, arte e cultura; produção audiovisual de impacto social; e cinema e educação. O Festival Zona de Cinema, teve sua primeira edição realizada em julho de 2017, a segunda edição em contexto de pandemia de forma online em 2021 e em dezembro de 2023, o festival realizou a sua terceira edição, em parceria com o Espaço Cultural Viaduto de Realengo (E.C.V.R.).

Foi comemorado também com este evento os 10 anos de viaduto e de produção cultural ininterrupta desde o emblemático ano de 2013. Um espaço possível de encontros, que luta pelo direito à cultura, ao meio ambiente e à cidade. Reconhecido pela Prefeitura do Rio de Janeiro como Ação Local, já recebeu o prêmio “Influenciadores Sociais contra o Racismo” e a medalha de Ordem do Mérito Cultural Carioca, e foi contemplado pela Lei Aldir Blanc. Arte, grafite, hip hop, skate, cultura urbana, audiovisual são algumas das linguagens artísticas que compõem a programação do espaço.



“Produzir o III Festival Zona de Cinema foi uma jornada intensa e gratificante, marcada pela colaboração e pela paixão pelo cinema e pela cultura periférica. Desde o planejamento inicial, reunimos uma equipe diversificada de trabalhadores da indústria criativa, artistas locais e parceiros comunitários para desenvolver o conceito do festival e organizar os detalhes logísticos. Os desafios surgiram em diversas etapas do processo, desde a captação de recursos até a articulação com os órgãos públicos locais e prestadores de serviço para garantir a infraestrutura necessária. Lidamos também com questões práticas, como a montagem de estruturas temporárias e a divulgação do evento. Cada obstáculo foi superado com criatividade e determinação, impulsionados pela nossa convicção de que a cultura é uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e a transformação social. A troca de experiências e o trabalho em equipe foram fundamentais para enfrentar os desafios e garantir o sucesso do festival. Ao longo dos três dias, testemunhamos a magia do cinema transformando momentos. Dos longas-metragens às mostras competitivas de curtas-metragens, cada obra era um testemunho poderoso da resiliência e da criatividade das periferias. A música ao vivo, a feira gastronômica e de artesanato, tudo contribuiu para criar uma experiência sensorial única, que ecoará em nossas memórias por muito tempo. Um dos momentos mais emocionantes foram as trocas entre os realizadores. É sempre importante a escuta ativa e o dialogismo e esses encontros foram lembretes do impacto que o cinema independente pode ter nos territórios. Dos jovens aspirantes a cineastas aos mais experientes amantes do cinema, todos foram tocados de alguma forma pela magia do cinema expandido.”

Gisele Motta e Oberdan Mendonça
produção Zona de Cinema



A pedagogia das margens adotada pelo festival parte de uma abordagem metodológica construída pelo projeto que aposta no potencial pedagógico de toda manifestação artística. Fomentamos a exibição gratuita de filmes nas ruas, para transeuntes, donas de casa, o garoto da rua, e a juventude que tem poucos equipamentos culturais na periferia disponíveis. Além de todos que se interessam pela atmosfera do cinema, incluindo o público que circula pela cidade. Para a produção, e para a Casa Fluminense, a arte não deve ter limites de renda, gênero, raça ou território.

"Ao olharmos para trás, avaliamos positivamente a capacidade do festival de conectar pessoas e comunidades pela arte e o cinema. A diversidade de filmes exibidos e a programação cultural proporcionaram experiências enriquecedoras para o público e para os participantes. Além disso, a realização do festival reforçou nossa motivação em continuar lutando por uma cidade mais inclusiva e democrática. Acreditamos no poder da cultura como instrumento de resistência e de construção de identidade, e estamos comprometidos em continuar promovendo eventos e iniciativas que valorizem as periferias e ampliem o acesso à arte e à cultura para todos. Em meio aos desafios e potencialidades das periferias, nossa coletividade aqui narrada é mais um exemplo numa teia de como é possível criar alternativas, desafiando senso comuns estabelecidos e transformando a cidade em um palco descentralizado de cultura e cidadania. Cada movimento, cada evento, é um convite para repensar e reconstruir nossa relação com a cidade e com as pessoas."

Gisele Motta e Oberdan Mendonça
produção Zona de Cinema



Foi muito especial participar do III Festival Zona de Cinema com o filme que dirigi, “@prediopostol3 – Meu Nome É União” no Espaço Cultural Viaduto de Realengo. Primeiramente porque a Zona de Cinema tem uma enorme importância para a existência do filme. E também por vê-lo sendo projetado sob a estrutura do viaduto, uma moldura de grafite e xarpi, elementos que são muito presentes no enredo do longa.

O Viaduto de Realengo, assim como o Prédio Posto 13, é um símbolo de resistência e arte urbana, o que torna a conexão entre o local e o filme ainda mais significativa. E o diálogo com o Zona de Cinema também é uma camada fundamental nessa conexão, pois estimula pensar um cinema possível, expondo e desenvolvendo filmes que estimulam a produção de novos filmes, retratando realidades ainda pouco retratadas.

Nesse sentido, foi especial também a oficina “Pedagogia das Margens”, que aconteceu previamente à exibição, ministrada pelo Higor Cabral, montador do “@prediopostol3”. A oficina foi extremamente prática, com todos os participantes podendo se envolver diretamente, seja trazendo colocações ao debate, fazendo perguntas durante a entrevista realizada, ou operando equipamentos. Isso proporcionou um gostinho de como é a realização audiovisual e, mais importante, mostrou a importância dessa ferramenta para contar histórias e preservar memórias de uma forma genuína e acessível, o que é muito importante para ampliar a diversidade de olhares no audiovisual.

Josy Antunes

produtora audiovisual, 34 anos, de Belford Roxo, moradora de Nova Iguaçu.



Fórum Rio 2024: Cidades sob Pressão

Ponto de encontro: Central do Brasil

Território: Leste Fluminense

Modo de chegada: Ônibus tarifa zero

Tempo de deslocamento: 28 min

Km: 20,2 km

“Decidimos encerrar o ciclo de Bondes em São Gonçalo no Leste Fluminense com o Fórum Rio, evento itinerante produzido anualmente pela Casa Fluminense. Enxergamos como uma oportunidade mobilizar e reunir nossa rede de lideranças, oferecendo transporte tarifa zero, para vivenciar dois dias de programação sobre política pública da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, não só com o debate, mas também por meio da arte e cultura, nos dias 7 e 8 de junho de 2024. A produção desses dois dias de evento começou em fevereiro com a curadoria artística e de participantes. É muita adrenalina, muita expectativa, tudo foi pensado com muito carinho para recebermos o nosso público e oferecer a melhor experiência possível. Quando os ônibus e vans começaram a chegar com crianças, jovens, adultos e idosos da Baixada, do Leste, do Rio inteiro para curtir a programação, e a gente percebe a empolgação e surpresa, faz todo nosso trabalho ganhar sentido!”



O Fórum Rio é um evento que reúne pessoas, grupos e lideranças de diferentes territórios da Região Metropolitana, promovendo a circulação por diversos espaços e experiências. Além de fortalecer a produção local quanto valorizar a identidade metropolitana. Esta edição, realizada no campus do IFRJ, em São Gonçalo, foi marcada pelo lançamento da nova edição da Agenda Rio 2030 e as discussões giraram em torno do tema “Cidades sob pressão”, pautando ações prioritárias e urgentes para a metrópole. Tivemos na programação, três painéis temáticos, o filme “Um pé de goiaba”, o Ateliê Ativo: arte e política, com oficinas de serigrafia, bordado e lambe-lambe, exposição “Urgências”, Batalha do Tanque, espaço quilombinho e a feira de empreendedores locais Q preta.



“É bem bonito ver que a programação cultural tem ganhado cada vez mais espaço nos Fóruns, se consolidando como parte fundamental para exaltar a produção cultural local daquele território onde o Fórum está sendo executado e também para somar nas discussões a partir da criatividade e de trocas mais subjetivas e sensíveis. A cenografia foi um ponto alto de investimento e retorno positivo pensando na integração de um espaço que era muito amplo e marcado pela estética de um CIEP. A presença da Gisele de Paula, arquiteta e cenógrafa, responsável pelo projeto expográfico do evento e da exposição, com uma vasta experiência com produção de eventos e exposições, permitiu um ótimo aproveitamento do espaço.”

Letícia Marinho

Assessora de operações, Casa Fluminense

O fórum tem como característica a itinerância que por sua vez é potente, mas também desafiadora. Cada território escolhido tem sua especificidade, tornando a escolha do local de realização às vezes mais fácil e outras mais difícil. Durante o processo de produção, é priorizada a escolha de fornecedores e mão de obra local a fim de fortalecer sua economia. A curadoria também é pensada principalmente a partir do território, valorizando sempre artistas e convidados locais ou da região em que o território está presente, além da presença de uma feira com afroempreendedores e indígenas, preferencialmente locais.

Assim como o título desta edição, a produção também foi sob pressão lidando com imprevistos e mudanças no local de realização do evento. Diante disso, muitas decisões tiveram que ser tomadas num tempo bem menor do que o normal para produzir um evento do tamanho que o Fórum tem hoje, influenciando também na disponibilidade e escolha de fornecedores e a necessidade de grande investimento em estrutura e cenografia.

A mobilização de público é sempre desafiadora e vem se fortalecendo e aprimorando a cada ano, lidando sempre com os desafios que cada território traz. O fórum tem como prática a locação de ônibus e vans para grupos parceiros, além de ônibus saindo da região central do Rio de Janeiro, mas ainda assim sempre contamos com a possibilidade de desistência ou baixa adesão após a contratação dos ônibus. Mas este ano tivemos uma grande adesão e o diferencial de estar num território onde temos bastante incidência permitindo uma mobilização local com grupos e coletivos parceiros. Além da garantia de transporte, também disponibilizamos alimentação para os grupos mobilizados

“Já realizamos um total de 17 edições do Fórum Rio, incluindo a de 2024, um desejo e um desafio com o tempo passou a ser como tornar esse ambiente com diálogos sobre assuntos tão difíceis, também celebrativo, pois há vitórias para serem contadas. A cultura também pode exercer um papel para pensar a cidade. E o Fórum é uma oportunidade de encontro da nossa rede. A inclusão das atrações culturais na programação tem ganhado cada vez mais atenção do nosso público. Apesar de a permanência do público até o final do evento para assistir aos shows sempre ter sido um desafio, isso tem mudado ao longo dos anos, e agora todos sabem que o Fórum só termina com música! Nesta edição, foi muito emocionante ver a interação do público com a Batalha do Tanque, além dos DJs Mabruxo e Kora, todos representantes do Leste Fluminense.”

Taty Maria

Coordenadora de Operações, Casa Fluminense

Pela primeira vez a oferta de oficinas artísticas pelo Ateliê Ativo: arte e política foi um sucesso, com um público diverso e muito engajado que superou as nossas expectativas e dos próprios oficineiros que resolveram prolongar o tempo de oficina para que todos pudessem participar. O resultado foi um painel artístico construído de forma coletiva onde os participantes expuseram suas criações e que ficou de doação para o campus do IFRJ.





*da Baixada[®]
do Leste
do Rio Interin*

Casa Fluminense
& portuguesa

ROCINHA

O MUNDO
É LINDO

Tudo
é Perfeita
So que não

A POESIA ESTA
NA RUA

IKAW AT IKAW

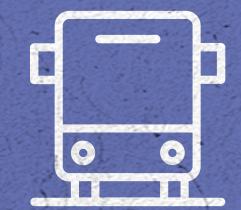
Esta foi a terceira edição que contou com uma exposição, desta vez sob a curadoria de Jefferson Medeiros, natural de São Gonçalo. Esse espaço tem ganhado cada vez mais destaque. A vibrante apresentação da Batalha do Tanque ia além da disputa pelo prêmio, trazendo à tona narrativas sobre território, religião, respeito, racismo e acesso à educação, tudo com muita leveza e descontração, encerrando o evento com chave de ouro.



DESTAQUES



550 pessoas mobilizadas.



9 ônibus, 4 micro-ônibus e 5 vans saindo da Baixada, do Leste, do Rio inteiro.



1.000 exemplares da Agenda Rio distribuídos.



Parceria com as cozinhas solidárias da Ocupação Vito Giannotti e do Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM).



Lançamento do edital Fundo Casa Fluminense.



Para mim foi muito maneiro participar do Fórum Rio e da mobilização para levar a galera para o fórum em São Gonçalo. Porque foi o primeiro fórum que eu participei na minha cidade, além de poder levar os coletivos parceiros, falar de política pública de forma apartidária, e conectar a potência de outros territórios com as potências do nosso território, isso foi muito maneiro. Mobilizar a galera daqui para que também elas conheçam mais as iniciativas que acontecem fora de São Gonçalo e podem ser inspiração para a realização de outras ações aqui na cidade.

Thamiris Santos

articuladora social, Por Gentileza, apoiada pelo Fundo Casa Fluminense, ex-aluna do Curso de Políticas Públicas.

5. DESEMBARQUE



Esperamos que tenham curtido esse roteiro, agradecemos por nos acompanharem até aqui e desejamos que aproveitem e se inspirem a descobrir novos percursos culturais pela metrópole. Definitivamente acreditamos que os espaços culturais e os eventos são elementos importantes para salvaguardar, preservar e disputar a memória e a identidade de um povo. O cuidado com a cidade depende também da defesa dos detentores das nossas memórias e saberes tradicionais e símbolos culturais, portanto, é essencial garantir a democratização dos recursos. Essa é uma das prioridades da Agenda Rio 2030 da Casa Fluminense que propõe regulamentar a legislação e execução dos recursos de cultura com foco na proteção da memória, consolidando o Sistema de Cultura com conselho, plano e fundo (CPF) feitos com e para mestras e mestres do patrimônio material e imaterial da cultura.

Mesmo em meio aos desafios colocados do território e do setor cultural, os agentes culturais se organizam e com a mobilização popular produzem, preservam e lutam não só pela garantia de direitos culturais, mas também de direitos fundamentais básicos. Toda produção cultural engajada com o território é uma produção comprometida com a realidade e o futuro do próprio território.

A cultura desempenha um papel central para pensar soluções criativas que reinventam o cotidiano da cidade. Um recurso para intervir na transformação social, para desconstruir os imaginários hegemônicos, ou seja, desculturalizar a cultura como propõe o escritor Victor Vich em “Desculturalizar a cultura - Desafios atuais das políticas culturais”. Afinal, todo problema social é um problema cultural.

Seguimos também somando na luta de propostas prioritárias locais como a garantia de sede para o Centro de Cultura e Memória de Realengo dentro do Parque Realengo; promoção de educação patrimonial da Agenda Campo Grande; construção de cinema público gratuito da Agenda Caxias; aumento do orçamento destinado à cultura da Agenda São Gonçalo; fundação do Museu da História Meritiense da Agenda Meriti; preservação do patrimônio cultural material e imaterial da Agenda Belford Roxo; uma política de estado para o Centro Cultural Municipal de Santa Cruz Dr. António Nicolau Jorge (Palacete) do Plano Santa Cruz 2030; entre outras.

FICHA TÉCNICA

E-BOOK BONDE CASA

COORDENAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

**Taty Maria
Letícia Marinho**

REVISÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL
Mariflor Rocha

APOIO INSTITUCIONAL
OSF

FOTOGRAFIAS

**Lucas Linhares
Fábio Caffé
Isabel Nascimento
Tayná Uráz**

PROJETO GRÁFICO
**Kesia Peralta
Lucas Linhares**

EQUIPE CASA FLUMINENSE

COORDENAÇÃO GERAL
Vitor Mihessen

COORDENAÇÃO DE INFORMAÇÃO
**Luize Sampaio
Lorryne Honorato**

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO
**Taynara Cabral
Carín Nuru
Lucas Linhares**

COORDENAÇÃO DE OPERAÇÕES

**Taty Maria
Larissa Carneiro
Letícia Marinho**

COORDENAÇÃO DE MOBILIZAÇÃO
**Paola Lima
Bruna Neres**

COORDENAÇÃO EXECUTIVA
Larissa Amorim

AGRADECIMENTOS

André Cabral | Alan Ribeiro | Alencar S. G.
Ariadne | Dudu de Morro Agudo | Elisama Arnaud
Etel Oliveira | Fernando Mesquita
Gisele Motta | Josy Antunes | Lana Cristina
Márcia Viceconte | Michelle Lima
Oberdan Mendonça | Osmar Paulino
Roberta Costa de Yemonja | Thamiris Santos
Welton Cordeiro

Equipe Bloco Loucura Suburbana
Equipe Da Trilha à Mesa: um dia de cultura e gastronomia afro
Equipe Festival de Artes de Imbariê
Equipe Festival Zona de Cinema
Equipe Poesia, Rap e Samba
Equipe Fórum Rio 2024

